

## EDIFÍCIO PARA A LOTA DE QUARTEIRA

Segundo notícia publicada pelo nosso prezado colega «Folha do Domingo», terão início dentro de poucos dias os trabalhos de construção do edifício da lota de Quarteira, obra que porá fim ao estendal de peixe na praia o que para alguns será pitoresco mas, para todos, anti-higiênico.

ANO XIV N.º 348  
JUNHO — 5  
1966

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRAFICA LOULETANA  
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

## Ainda a implantação do edifício para a Escola Técnica de Loulé

Que há absoluta, imperiosa, urgente necessidade de construir um novo edifício para a Escola Técnica de Loulé, visto que aquele em que funciona hoje, não tem a mínima condição pedagógica, nem de comodidade nem de segurança, até, para pessoal discente e docente, convenhamos.

Mas que só se veja para a sua construção o Parque da Vila, adquirido com o fim especial e altamente social de dar à população da Vila, um parque de recreio, um recinto onde os campos de jogos, piscinas e outras instalações que representam igualmente fonte de vida, pudesse proporcionar um desafogo, um bem estar às populações que não têm outros recursos, não concordamos.

E, neste nosso discordar não vai uma questão azeda de discutir, de fazer obstrucionismo, de

levantar barreiras, de criar dificuldades seja a quem for. Dentro de um princípio permitido a qualquer homem livre, não abdiquemos do nosso direito de crítica, do nosso desejo de esclarecimento, da nossa vontade de que se faça para Loulé, o que melhor fôr para Loulé.

Não somos daqueles a quem apenas o raciocínio curto impõe dogmatismos para as suas opiniões, não fazemos destas questões públicas e de interesse colectivo, o alvo do interesse particular ou pessoal, ou mesmo material, mas pondo como sempre — e disso julgamos ter dado sobejas provas, em bastantes realizações nas quais colaborámos e que nunca puzemos nem na balança nem no metro da comparação — o melhor da nossa boa vontade e amor ao progresso e desenvolvimento de Loulé.

Julgamos ter o direito de proclamar bem alto e de cabeça erguida as nossas opiniões, sem ter

(Continuação na 2.ª página)

## LOCALIZAÇÃO da Escola Técnica de LOULÉ

Tivemos conhecimento do recente despacho de Sua Ex.º o Ministro das Obras Públicas sobre a localização da Escola Técnica de Loulé — e alguns não poderiam ter sido ponderados pela Comissão — dou como

Eis o despacho:  
«1 — Examinados cuidadosamente todos os aspectos do problema da localização da Escola Técnica de Loulé — e alguns não poderiam ter sido ponderados pela Comissão — dou como

(Continuação na 2.ª página)

## O ALGARVE associou-se às comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional

O Algarve procurou celebrar com brilho as comemorações do 40.º aniversário da Revolução de 28 de Maio de 1926.

Na devida oportunidade já os nossos colegas se referiram ao facto e por isso, dando a nossa alegria, publicamos a seguir dois excertos do discurso evocativo proferido em Lagos, pelo nosso director, um dos 4 Deputados pelo Algarve à Assembleia Nacional.

Ex.º Senhor General Comandante da Região Ilustre representante de Sua Excelência o Ministro do Exército;

Ex.º Senhor Governador Civil;

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Neste momento de evocação histórica que o Algarve de hoje fixa, na simplicidade desta inscrição em pedra, para a perpetuar na memória das gentes de amanhã, seja a nossa primeira lembrança para aqueles que, no transcurso irreversível do tempo, a morte foi arrebatando às filhas sempre incertas da vida.

A sua recordação continua a pairar viva, palpável, firme e presente, na saudade e nos corações dos seus companheiros de aventura e às memórias se dirigir, também, o sentimento de gratidão e de agradecimento que informa e aquece a exteriorização desta homenagem. Homenagem do Algarve, a filhos seus que há 40 anos, daí, desta forma, vestuaria e veneraria a cidade de Lagos, arrancaram a jogar as suas vidas ou pelo menos os seus

(Continuação na 3.ª página)

## REALIZA-SE NO DIA 11

## o 2.º Concerto da Pró-Arte

Por motivos imprevistos, foi adiado para o próximo dia 11 do corrente o concerto que a Delegação de Loulé da Pró-Arte inicialmente fixara para o dia 28 de Maio e que será o 2.º da época de 1966.

Como já dissemos, este sarau musical realizar-se-á na residência da sr. D. Catarina Pinto Farrajota, cujo entusiasmo pela Pró-Arte contribuiu grandemente para que fosse possível reiniciar sua actividade na nossa Vila e com isto só temos que nos felicitarmos dado que o nível

(Continua na 3.ª página)

## ARTE E GRAÇA do Povo Português

Organizada pela Escritora Fernanda de Castro, realizou-se no dia 24 de Maio, pelas 17 horas, no Restaurante «Al-Faghār», de Faro, uma Exposição de Artesanato e de Arte Popular, que teve a designação de «Arte e graça do Povo Português».

Esta Exposição reuniu elementos devidos significativos no que diz respeito à escolha de trabalhos que exemplificam o que se pretende alcançar: uma perfeita autenticidade quanto às origens da Arte do nosso Povo.

(Continuação na 6.ª página)

## UM VELHO PROBLEMA QUE RENASCE: O desvio do Caminho de Ferro para LOULÉ

Este reunido em Lisboa o Congresso da União Internacional dos Caminhos de Ferro e um dos problemas aflorados e que atraíram desde logo as preocupações das representações espanhola e portuguesa foi a necessidade de reestruturação das redes dos dois países, com base na adopção da bitola internacional, ou seja a medida entre carris.

Esta bitola que, na península Ibérica é de 1,674 m. teria de ser alterada para 1,435 m. ou seja a medida adoptada nas restantes redes da Europa, sob pena de ficarmos isolados destes países,

ideia que seria de terríveis e condenáveis efeitos para o progresso e desenvolvimento da nossa exploração ferroviária e até para o ambicionado fomento turístico.

Para uma valorização económica da rede ferroviária portuguesa

(Continua na 5.ª página)

## FOI LANÇADA NO MERCADO A CERVEJA SKOL

A Skol International, Ld.ª lançou há dias no mercado nacional a cerveja Skol, por intermédio da Sociedade Central de Cervejas, que a fabrica inteiramente com matérias primas portuguesas. Para assinalar o facto, a Sociedade Distribuidora de Cervejas do Sul, com sede em Faro, reuniu na passada 4.ª feira, no

Restaurante «Al-Faghār» daquele a cidade os representantes dos órgãos informativos do Algarve. Presidiu o sr. Dr. Carlos Nogueira, sócio-gerente daquela empresa, que no final do repasto usou da palavra. Agradeceu a presença dos convidados, tendo

(Continuação na 6.ª página)

(Continua na 3.ª página)

Na zona das Areias Douradas, junto à Praia do Castelo, no Concelho de Albufeira, vai ser edificada uma nova unidade hoteleira que disporá de 90 quartos. O projecto é da autoria dos arquitectos ars. Norberto Correia e Pinto Coelho, e denominar-se-á «Delfim Dourado», dispondo também de salas de estar, de jogo, bar, esplanada, restaurante, piscina, etc.

(Continua na 5.ª página)

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

Aliás, há esplanadas por toda a parte. No meio do Largo Marquês de Pombal, junto das árvores que ornamentam o mesmo

(Continua na 5.ª página)

Quando se compara a abundância de esplanadas que, por todo o Algarve se verifica na época calma, que estamos atravessando, duas dividem nos assaltam o espírito: Será que as taxas de ocupação em Loulé, são mais elevadas que em outras localidades, ou que os proprietários dos cafés são de compreensão mais egoista do que é o interesse do cliente?

Em Vila Real de Santo António há cafés que mantêm as esplanadas o ano inteiro e até o Município lhes preparou o pavimento da rua, para elas se estenderem e disseminarem.

# A ESCOLA TÉCNICA VAI FICAR NO PARQUE

(Continuação da 1.ª página)

rências ou simpatias pessoais mas sim que visem o interesse geral.

Infelizmente vivemos uma época em que a maioria das pessoas se preocupa só e quase exclusivamente com os seus próprios interesses e os dos amigos e por isso essa maioria não comprehende, não pode compreender, como haja alguém que assim não pense e despreze conveniências e amizades pessoais para só ver o interesse da terra onde nasceu. Por isso é triste e publicamente ridicularizado. Só por isso. Já nem se acredita no bairrismo daqueles que realmente sentem acrisolado amor ao torrão natal. Em tudo se pretende adivinhar segundas intenções.

É-nos penoso exteriorizar publicamente a nossa discordância na medida em que as pessoas pensem (muito erradamente) que antipatizamos com elas simplesmente porque discordamos das suas ideias. É uma penosa concepção dos nossos tempos e por isso uma dolorosa verdade.

Parece-nos absolutamente lógico que se combatam as ideias alheias quando elas são de interesse geral, mas com bases sólidas, convincentes e sérias. Não ridicularizando-as porque, fazendo-o, se revela a tacanhez de um espírito que não sabe discutir sem melindrar.

Podemos dizer francamente que não temos qualquer preferência especial pela localização da Escola Técnica, e se desassombradamente vimos hoje repetir que discordamos que o Parque Municipal tivesse sido o local preferido é unica e simplesmente por ficarmos com a certeza que mais uma vez foi preferida uma solução que cada vez mais se impõe como inadimplível: abrir novos horizontes à expansão urbanística de Loulé.

O sr. Ministro das Obras Públicas tomou decisões de harmonia com as informações que lhe foram prestadas e a Câmara, que compete zelar e defender os interesses locais, teria sido clara nos seus propósitos, mas isso não impedirá por certo que tenhamos pena de não ter sido feito um esforço maior para ser aproveitada uma magnífica oportunidade de se proporcionar a Loulé os meios de expansão de que urgentemente carece.

Antevíamos uma Escola Técnica numa nova zona periférica da Vila por onde esta começasse já a estender-se, mas preferímos uma solução de emergência por se considerar urgente a construção daquele edifício. Só lamentamos que se tivesse preferido a solução mais cômoda antes de se terem feito todos os esforços possíveis para encontrar outra alternativa.

Sem discordâncias de ninguém, é possível que a Escola já estivesse construída no Parque, mas não nos esqueçamos que, por ser mais rápido, e mais económico, a linha férrea ficou a 5 Km. de Loulé e há mais de 80 anos que os louletanos sofreram as desastrosas consequências desse imperdível e desastroso erro. Também nessa época não se soube ver para o futuro.

Apenas por 5 Km, se privou de linha férrea uma terra de prometedor futuro.

A pressa de construir já pode fazer esquecer o futuro. Oxalá os vindouros não pensem de nós o mesmo que os louletanos desde há mais de 80 anos pensam dos autores do traçado da linha férrea.

Parece que só se reparou que estava mal depois de não haver remédio e esse erro perdurará para sempre na memória dos nossos conterrâneos.

Esta é a verdade. Mas não a nossa verdade. Ela está patente a quem a saiba ver. Por isso é-nos doloroso pensar que amanhã possa pensar-se que foi também um grande erro não se ter

## JOGOS FLORAIS dos Estudantes da Cidade DE FARO

A Comissão Organizadora da festa dos Finalistas da Escola Industrial e Comercial de Faro promoveu os Jogos Florais dos Estudantes da Cidade de Faro, cujos prémios foram atribuídos a:

Poeta Livres — 2.º prémio — «A mais solitária praia», de Ilídia Honorato

Menção Honrosa — «Imagem», de Ilídia Honorato;

Quadra — 2.º prémio — «O ciganos», de Helderma Sousa Correia;

3.º prémio — «O Mar», de Manuel Domingues Gomes.

Conto — Menção Honrosa — «Tempestade», de Joaquim Eduardo Gonçalves Santos.

aproveitado uma tão bela oportunidade para dar a Loulé aquele impulso progressivo de que a nossa Vila há mais de 20 anos vem carecendo por estar presa a um plano de urbanização que lhe tolhe os movimentos.

É só isso que nos preocupa. É só por amarmos a nossa terra que a nossa pena não pode emudecer perante a decisão agora tomada. Não há acinte contra quem quer que seja. Podemos dizer de cabeça erguida que apenas pensamos no progresso local. O resto não conta.

É que nós sabemos que a Câmara não autoriza a construção onde não haja ruas e não faz novas ruas porque não tem dinheiro para as abrir. Quer dizer: não faz nem deixa fazer. Mantém-se assim um círculo vicioso para o qual não se antevê saída possível.

Achamos bem o critério de que primeiro as ruas e depois os prédios. Mas achamos mal que não se faça nem uma coisa nem outra. Por isso, mal por mal, talvez fosse preferível optar pelo menor mal: deixar fazer os prédios (que proporcionam à Câmara rendimento vitalício em luz, água e esgotos sem nenhuma despesa) e arranjar depois as ruas.

Com tal política talvez a Escola pudesse ficar em qualquer parte. O que é pena é que esses problemas se vão protelando lustro após lustro e que um tão belo edifício nem sequer dê mais beleza à nossa vila por ficar escondido dentro do Parque.

Pelas poucas diligências efectuadas para encontrar outra solução percebeu-se que havia o firme propósito de escolher o Parque. Era a mais comoda.

Pois não esteve em Loulé uma Comissão encarregada de estudar a localização da Escola Técnica? Que mal haveria em tornar públicas as conclusões a que chegou?

A pergunta tem ficado no ar. Mesmo que a Câmara não tenha dinheiro para resolver os problemas de urbanização da Vila, não vemos que mal possa haver em agitá-los publicamente até porque sabendo-se da sua existência pode aparecer um ou mais espíritos empreendedores capazes de, por si só, abrir caminho para novos empreendimentos... desde que lhes sejam dadas todas as possíveis facilidades.

São conhecidas as grandes dificuldades surgidas para a fixação de unidades industriais que dariam a Loulé possibilidades de grande e próspero futuro. (Estamos-nos lembrando, por exemplo, dum importante fábrica manipuladora de cortiça que está a construir-se noutra localidade apesar de Loulé ter sido preferida) e de outras construções que têm sido constantemente proteladas.

Loulé carece urgentemente de uma estação rodoviária e não a tem porque não tem sido possível arranjar terreno onde construir a e nem se concedem facilidades para tornar possível essa obra.

... Mas a E. V. A. está construindo em Beja porque ali encontrou todas as facilidades desejadas e ainda terreno a 50\$00 m2, em ótimo local.

Muitos outros edifícios se construiriam se tanta dificuldade criadas não contribuissem para uma crescente e quase prohibitiva aquisição de terrenos a preços seguramente fixados por proprietários para quem o progresso da terra não conta para nada... porque só se preocupam com os seus próprios interesses.

Flagrante exemplo de imobilismo está patente na ampla Avenida General Carmona, onde ninguém pode construir nem vender e nem a Câmara compra porque não tem dinheiro. Toda aquela vastidão de terreno está destinada a sumptuosos edifícios públicos, o que nos parece obra grandiosa demais para uma vila que nem sequer tem aspirações a capital de Distrito.

Mas está assim escrito e ninguém vai dizer que os técnicos viram longe demais.

Assim, positivamente, não pode haver progresso que se veja. Esta é a dolorosa verdade.

Ainda que com ténues esperanças, atrevemo-nos a solicitar de novo a escarregada atenção do sr. Ministro das Obras Públicas para as vantagens que adviriam para Loulé de o edifício da Escola Técnica ficar fora do Parque Municipal.

Não é um pedido pessoal, mas o anseio de uma população que deseja o progresso da sua terra.

Do que realmente temos pena é que não apareça uma alma compreensiva e generosa que ofereça o terreno para a Escola, salvando-se assim o Parque e contribuindo para o progresso de Loulé.

Infelizmente parece que vivemos numa terra onde os corações magnântimos não abundam.

Ignotus

## FRANÇA

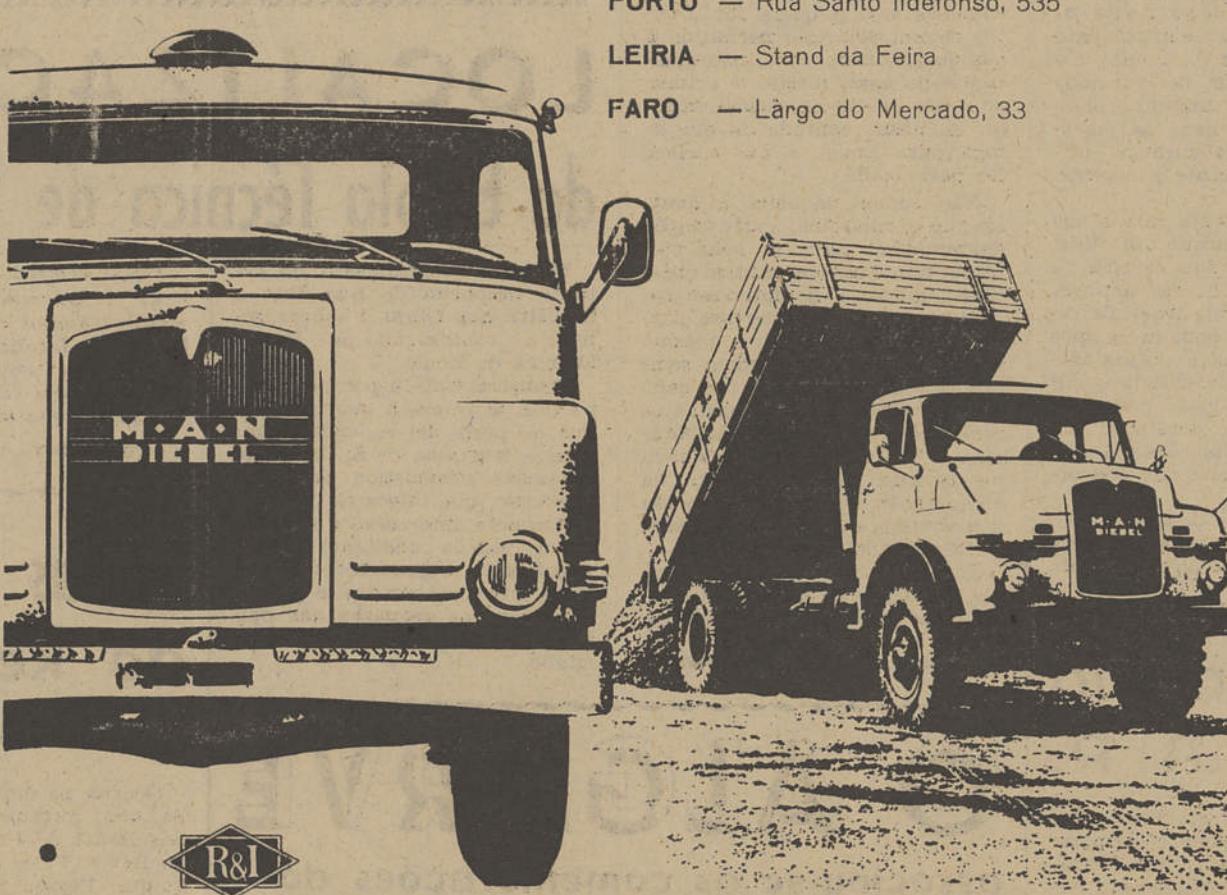
Maria Josefa, moradora no sítio do Arieiro, (Loulé) sabendo que seu marido, José Jerónimo de Sousa, se encontra em França mas desconhecendo a sua morada, agradece a quem saiba do seu paradeiro o favor de lhe comunicar que deve vir a Portugal a fim de receber uma herança em benefício comum.

Arieiro, 2 de Junho de 1966.

# M.A.N

## MODELOS 1966 NOVOS TRAVÕES

em exposição



REPRESENTADO, FABRICADO, DISTRIBUÍDO E ASSISTIDO EM PORTUGAL POR:

S. C. I. A. FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO S. A. R. L.

LISBOA — PORTO — LÉIRIA — FARO — VENDAS NOVAS

## LOCALIZAÇÃO da Escola Técnica de LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

de preferir a solução de aproveitamento de uma parte da área do futuro Parque Municipal, observadas as condições que vêm em seguida enunciadas.

2 — Deverá ser encontrada pela Câmara Municipal uma solução viável para a nova localização dos campos de jogos. O aproveitamento para este fim da parcela do terreno do parque a N da estrada periférica, completada com a área a adquirir que for necessária, exigirá, se for julgado conveniente, a construção de passagem inferior para veículos e peões por forma a ficar imprimido o atravessamento de nível, daquela estrada para acesso aos campos desportivos.

3 — Deverá ficar assegurada a futura possibilidade de ampliação para poente do recinto do parque à custa da aquisição dos terrenos particulares vizinhos, com o correspondente desvio da via municipal existente.

4 — A Câmara Municipal deverá assumir o compromisso de até a data da conclusão da Escola Técnica — digamos até final de 1968 — ter concluído o parque municipal segundo projecto

a submeter à aprovação do M. O. P. no prazo de 3 meses, para o que contará com a assistência técnica e financeira deste Ministério, através da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

5 — A mesma Comissão que tão bem se desempenhou da sua incumbência através de presente Relatório, deverá elaborar rapidamente o plano urbanístico do aproveitamento da área interessada neste despacho, de harmonia com o que fica nela definido e com as determinações do plano de urbanização da Vila não modificadas. Este plano urbanístico, uma vez aprovado, servirá de base ao projecto da Escola Técnica e ao projecto do Parque Municipal.

7/5/1966

a) Arantes e Oliveira

## TURALGARVE

Agência de Turismo  
Algarve — Praça da  
República, 98 - 100 —  
Telef. 193 — LOULÉ

VENDE passagens  
aéreas, terrestres e mar-  
ítimas. (Entrega imediata).

## Propriedade

Vende-se uma propriedade na freguesia de Boliqueime, denominada Vale Silveira.

Tratar pelo telefone 22 de Almancil.

## Ainda a implantação do edifício para a Escola Técnica de LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

que pedir licença ou prestar vênia, seja a quem for.

Não concordamos com a instalação da Escola Técnica no Parque, porque achamos triste ir estragar um recinto cujo projecto representava para a Vila, uma cédula de valor acima do médio em terras de província.

Ter um campo de jogos para futebol, um ginásio, uma pista para ciclismo, vários campos para todas as modalidades desportivas, incluindo uma piscina e uma mata frondosa onde a população de Loulé, pudesse ir passear e gozar uns momentos de distração e descontração, pudesse enfim ter um pulmão para respirar, parece-nos ser superior a tudo.

Instalar a Escola no Parque representa uma afronta à memória da grande louletano que foi José da Costa Guerreiro a quem se devem as melhores realizações e empreendimentos que colocaram Loulé, na vanguarda de muitas terras algarvias onde os grandes problemas de urbanização estão resolvidos.

Ele visionou essa ideia do Parque e mandou traduzi-la num projecto grandioso que um grande arquitecto concebeu e cuja realização já hoje seria um facto se, todas as municipalidades que lhe sucederam tivessem querido dispensar a este assunto um pouco da sua atenção e boa vontade.

Queremos ainda duvidar da utilização do recinto destinado ao Parque, para instalação da Escola Técnica e não obstante as opiniões favoráveis dos técnicos que vêm aí a parte material dos terrenos baratos sem complicações, sem se aperceberem do valor estimativo e específico que tem para Loulé e o seu Parque, continuamos confiados que ainda demorará essa utili-

zização de pouca idade e, consequentemente, de pouco juízo aínda.

Ter-se-á tempo de saber que qualquer projectada ligação de Loulé à falada auto-estrada Loulé-Salir-Almodovar, ficará prejudicada com a instalação da escola técnica no Parque. Até lá ter-se-á tempo de verificar que Loulé, custe o que custar e haja o que houver, perderá a melhor parcela do seu terreno disponível para outras realizações como estadio, a piscina, o balneário público. Perderá, enfim, o que poderia ser o melhor Parque ao sul do Tejo, ponto de atração de turistas e elemento de valorização no património da terra.

R. P.

## VENDEM-SE

Prédios urbanos, descritos nos artigos 60 e 61 da respectiva matriz de S. Clemente, sitos na Rua Eng. Duarte Pacheco, pertencentes a herdeiros de Maria Emilia da Piedade Texugo.

Dirigir propostas a Cris-tóvão Texugo de Sousa — Tavira.

## Continuo

Precisa, Ateneu Comercial e Industrial — Loulé.

## Propriedade

Vende-se uma quarela de terra no sítio de Mompolé, com figueiras, alfarrobas, amendoeiras, etc. Está murada e tem caraminho, a Norte, Este e Sul, partilhando com o Monte da Rocha. Nesta redacção se informa.

# Panoramicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)  
depósito de motorizadas sem pagar qualquer taxa de ocupação...

Eis uma coisa que deveria preocupa mais a Municipalidade e até, possivelmente, levá-la a uma redução de taxas, no caso de as actuais serem consideradas proibitivas.

\*  
Toda a gente pergunta quando chegará a vez de Loulé, ter uma conveniente estação rodoviária, evitando-se as péssimas condições de espera que hoje se oferecem aos passageiros e utentes das suas carreiras.

Tivemos essa esperança durante algum tempo, o que, aliás, não seria de estranhar se tivessemos em consideração que a maioria dos sócios da maior empresa rodoviária do sul, são naturais de Loulé e que, é talvez, nesta localidade, que se centraliza o maior número das carreiras que explora.

Veio depois a construção da magnífica unidade hoteleira a que essa empresa meteu ombros, em feliz altura. Havia uma justificação: estavam construindo algo de grande na capital algarvia e nós não podíamos deixar de nos sacrificar um pouco mais, na nossa qualidade de lou-

letanos para que a capital da nossa província se engrandecesse, porquanto temos o dever de não querer tudo para Loulé.

Mas, uma vez suprida essa lacuna que se fazia sentir na capital da província e suprida com certa magnificência até, não estaremos na boa oportunidade, perguntando se não será ainda a hora de Loulé?

\*  
A estação de Caminho de Ferro de Loulé, continua sem instalação eléctrica, isto é sem iluminação conveniente.

Como não sabemos a que ou a quem atribuir as culpas desta deficiência, queríamos pedir que se conjugassem todas as boas vontades no sentido de a estação ficar a ser a melhor iluminada do Algarve, dando assim razão ao velho aforismo que «os últimos serão os primeiros».

Di-se que nas empresas industriais que renovam ou aumentam o seu equipamento se introduzem as últimas inovações e as estruturas mais aperfeiçoadas e avançadas da técnica.

Bom seria que Loulé, viesse a ter uma estação tão bem iluminada que bem se destacasse e distinguisse das suas congêneres.

\*  
Há dias, ao encontrar em Vila Real, um modesto operário de limpeza, natural de Loulé e muito aqui conhecido, a exercer a sua actividade, pensei que não seria tão aguda a crise de trabalho por falta de mão de obra, como constantemente se ouve referir.

E não pude deixar de chegar à conclusão de que na nossa terra há muitos vaidosos que não têm coragem de exercer certos mistérios mais humildes.

Vão então procurar outros meios onde são menos conhecidos e aí se sujeitam ao que consideram vergonha fazer na própria terra. Isto significa o elevado índice de emigração que Loulé possui, em escala bastante anormal.

Lembrei-me logo de certo funcionário que em Loulé, andava sempre de luvas e polainas e que foi lavar carros para a Argentina...

Vaidade humana!...

R. P.

## TERRENO para construção

Vende-se, na Campina de Cima e horta com 4 a 5.000 m<sup>2</sup>.

Nesta redacção se informa.

## VENDE-SE

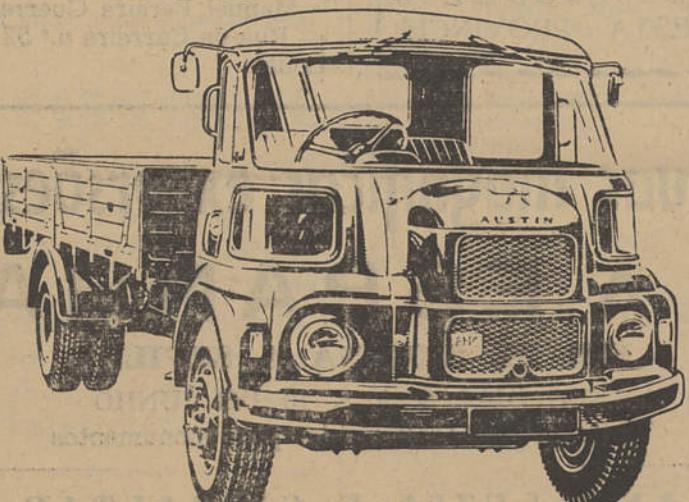
Prédio, vende-se, com chave na mão e 1.º andar na Rua da Piedade n.º 46 — Loulé.

Acetam-se propostas no n.º 48 da mesma Rua.

## O PROBLEMA

está na escolha certa do Camião para o seu serviço

### «AUSTIN»



APRESENTAMOS BREVEMENTE EM EXPOSIÇÃO  
O MODELO DA SÉRIE

P. B. de 3.500 Kg. c/ rodado duplo, a 9.600 Kg.  
e comprimentos de caixa de 3,56 m. a 5,16 m.

HORÁCIO DIONISIO DOS SANTOS

Peças genuínas AUSTIN - B. M. C.

Rua dos Bombeiros Portugueses, 13

Telefones | Escritório 2 43 30

Residência 2 28 57

Apartado 122

FARO

Caminhos: AUSTIN  
VAN DEN PLASS  
RILEY  
AUSTIN

## CARTAS de Emigrantes...

Minha querida Maria...

Estou muito triste ao escrever-te esta carta porque, há pouco, passou-se aqui um caso que, a todos, deixou muita tristeza.

Foi o incêndio que devorou parte das habitações que tínhamos no nosso «bairro das latas de bidons» e que deixou muitos camaradas nossos sem roupas, sem as fracas mobiliás que tinham e muitos até sem o dinheirinho que tinham juntado.

Como já te tenho contado as mobiliás que ali temos, são como as nossas ferramentas de trabalho. Apenas as precisas para viver: uma cama e a mala. O resto é tudo do grupo. O fogão, o lavatório, a mesa da casa de jantar é tudo propriedade colectiva ou então do vizinho do lado que no-las cede por empréstimo eventual.

Como não quero dizer o nome de alguns que ficaram pior, para as famílias aí não ficarem tristes, mas digo-te que isto foi muito mais importante do que os jornais disseram. Houve menino, que ficou sem nada. E quando foram ao comissário queixar-se do dinheiro perdido, ele respondeu que não era em barracas que se arracavada o dinheiro, mas sim nos bancos, como se nós tivéssemos vagar de ir pôr o dinheiro, quando nós, mal temos tempo para nos lavar e para dormir.

Maria, isto por aqui vai-se pondo pior de dia para dia. Todos os dias chegam novas levas de clandestinos, daqueles que a gente diz que vêm com «passaporte de coelho» e são italianos, espanhóis e também dos nossos.

Como não conhecem nada por cá, oferecem-se por qualquer preço e alguns até só pelo comer. Quando topam com algum camarada como eu, não nos largam para os protegernos. Mas que podemos nós fazer? Damos-lhes alguns «sous» ou mesmo um franco ou dois e dizemos-lhes logo que vão tratar da vida que não perdemos tempo com elas nem podemos sustentá-las.

Uma vez por outra, levamos-os ao «casão» e lá lhes damos dormida por uma noite e um bocado de pão com chouriço para se remedarem com a fome.

É porque eles só nos vêm fazer mal porquanto se oferecem mais barato enquanto se não «engam» e arrumam os papéis.

Digo-te que isto tem gente a mais e que muitas «entreprises» já licenciam pessoal.

Daqui a pouco já não dá a conta estar por aqui e por isso estamos pensando, alguns, em marchar mais cedo do que costávamos.

Recebe saudades do teu marido que se assina.

António

## Ajude o Artesanato! comprando «obra de palma» Algarvia

## BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

(Continuação da 1.ª página)

económicas e generosidade. Em dinheiro, em materiais necessários, em dias ou horas suplementares de trabalho — de qualquer destes modos se poderá concretizar a vossa oferta!

A ideia está lançada, está feito o apelo a todos os paroquianos. Com boa vontade e sacrifício nós poderemos colocar nas mãos do Rev.º Prior, no dia das suas Bodas de Prata Sacerdotais, os meios necessários à obra.

Com brio e generosidade, não deixeis passar mais tempo. Entrai, para o efeito e desde já, em contacto com o Cartório Paroquial — Comissão das obras de residência paroquial. Mão à obra. Conta convosco, com o vosso trabalho e com a vossa generosidade.

Um grupo de paroquianos

N. R. — Ao publicar esta carta, «A Voz de Loulé» associa-se sinceramente à iniciativa do grupo de paroquianos do Rev.º Prior José Coelho Cabanita, cujo zelo pela paróquia e aprimoramento da sua vida sacerdotal bem o fazem merecer da estima, respeito e admiração de todos, mesmo aqueles por quem não tem responsabilidades de cura de almas.

Segundo pensamos, o contributo poder concretizar-se não só em ofertas em dinheiro, para custeio do edifício, mas também em géneros (telhas, areia, açarretos, e outros materiais e até em dias de trabalho).

A «Voz de Loulé» oferece-se para receber inscrições e para prestar todos os esclarecimentos que forem necessários a quem quiser concorrer para a obra alvitada.

## O 40.º ANIVERSÁRIO da REVOLUÇÃO NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

galões de oficiais, para colaborar activamente na salvaguarda do País, prestes a afogar-se na desordem, na falência e na vergonha, com a honra, se não com a própria sobrevivência da Pátria.

Eu sei que, se para além do «Grande Rio» se conserva memória dos feitos deste mundo, eles estarão debruçados, quiçá consolosos e atentos, para acelarar convosco, senhores capitães e tenentes de 1926, esta manifestação de carinhoso agradoamento e participar nos actos de glorificação que o País inteiro, hoje efectiva nos sobreviventes dessa jornada decisiva para a reabilitação moral e para a reconstrução financeira, económica e social deste Portugal eterno e nobre e predestinado a dar novos mundos e a servir de exemplo ao Mundo.

Comodamente, creio que os seis que a morte já levou estão aqui, a nosso lado. Vivemos a sua recordação, lembramos os seus nomes com os pontos com que nos deixaram:

General JOAQUIM DA ENCARNACAO ALVES DE SOUSA;

Tenente-Coronel VITOR CARLOS BRAGA;

Major LUIS FILIPE DE ALBUQUERQUE REBELO

Tenente JOAQUIM VANEZ ROSADO;

Tenente JOAO DE BARROS AMADO DA CUNHA;

Tenente VIRIATO RENDEIRO.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

As gerações que precederam a minha e aqueles que, comigo, pouco ultrapassaram a casa dos 50, lembram-se perfeitamente do que era a vida do País nos anos que precederam o movimento militar, cujo quadragésimo aniversário comemoramos.

A instabilidade governativa tornara-se cancro destruidor, a corroer a própria textura das instituições. Já se não elaboravam orçamentos gerais do Estado, pedra indispensável no mais comum jogo administrativo. O Governo passara a recorrer ao sistema dos duodécimos, para poder processar as folhas de vencimentos para cuja solvência se recorria ao empréstimo a curto prazo.

A situação financeira e administrativa do País, com um déficit de 400 000 contos em 1923/24 era tal, que, nesse ano, dos 167 000 contos cobráveis, o Tesouro apenas recolheu 85 000. Os escândalos amontoavam-se, os navios de guerra, pedaços soberanos do País, eram arrestados em portos estrangeiros por o Governo não ter pago, mesmo com mória, as requisições de combustível. O Parlamento era uma arena sem ordem e sem dignidade. Os Governos não democráticos faziam, porque a maioria, baseada na estúpida lei do número era do partido democrático, e este, apesar de dispor comodamente dela, assediado pelas clientelas e compadriões e rodeado de incompetências, não só não podia governar como até era incapaz de manter a ordem nas ruas e de assegurar o sossego e a tranquilidade dos cidadãos. 1.º fundamento e 1.º justificação da própria existência do poder.

A Legião Vermelha, segura da impunidade, atirava bombas, as-

saltava bancos, assassinava em plena rua industriais, comerciantes e operários ordeiros. As greves, os descarrilamentos eram o prato diário da perturbação e da desordem. O próprio Presidente do Ministério afirmava que o País estava a saque e, na verdade, este era economicamente uma ruína, financeiramente uma bancarrota, politicamente um caos e internacionalmente uma anedota.

Portugal era bem na imagem incisiva, como sempre fundidíssima mas flagrantemente fotográfica, dada por Guerra Junqueiro: uma enxerga pôde cobrir de percevejos.

Recordo isto, como uma pálida imagem da vida portuguesa de há 42 anos, para que melhor compreendam, os das actuais, gerações, o ambiente em que se gerou a Revolução de Maio.

Podia fazê-lo também para avivar a memória de muitos que me fazem lembrar o poder, que na sua mocidade andava a pé descalço, comia pão duro e dormia em enxergas, mas que, enriquecido, pelo seu esforço ou pela sorte, esqueceu o passado e classifica, alta e revoltadamente, de piolheira, a pensão modesta mas limpa, só porque tem quartos com banho privativo, colchão de molaflex ou enxergas com palavrões em estrangeiro. O momento, porém, é alto de mais para avivar tristezas.

Sentia-se que só o Exército, não comprometido nas intrigas da política, e com a noção nítida dos deveres decorrentes do juramento de fidelidade, seria capaz de garantir condições de sossego e de cordura firme, que permitissem encarar o trabalho de verdadeiro governo e de indispensável resgate.

Este sentimento começara a criar raízes dentro do Exército e no País, com as revoltas de 18 de Abril e 19 de Julho de 1925. E, já que as intentonas em que os civis predominavam se tinham apressado a reintegrar o poder aos políticos, a ideia de instaurar uma ditadura militar, isto é de depositar o poder nas mãos do Exército, sem que este o largasse antes de a casa estar em ordem, ganhou corpo, principalmente entre as camadas mais novas. Ela foi o denominador comum que uniu os portugueses, republicanos, monárquicos e o povo sem filiação partidária, ambientando uma sedição nacional.

Era contagiente o entusiasmo dos tenentes e dos antigos cadetes de Sidião.

Foi assim que, destacados para uma recruta na parte do Regimento de Infantaria 33 aquartelada, em Lagos, apareceram aqui, em princípios de 1926, os tenentes Heitor Patriarco, Alves de Sousa, Albuquerque Rebelo, Francisco José Dentinho e João de Sousa, conhecidos então no meio pelos «tenentes de fóra» e que se dispuseram a participar em qualquer movimento que traduzisse a aspiração geral de salvar o País da ruína.

Aqui, estabelecendo contactos com oficiais de outras unidades, foram aliciando o então Capitão Tadeu, os Tenentes Viriato Rendeiro, José António Gonçalves, Nobre da Veiga, Vanez Rosado, Vieira da Silva, João Amado da Cunha. Coincidentes os anseios, e com o acordo do capitão Leônio Vieira, distinto e dedicado oficial, que assumiu o seu co-

mando, resolveram participar na revolução que se projectava para 28 de Maio do ano de 1926.

No dia 27 à tarde, estava reuniado, ao combóio que, à noite, transportaria as tropas do regimento e, à 1 hora de 28, sem que a cidade desse por isso e enquanto os tenentes Manuel de Sousa Rosal e Alves de Sousa iam actuar junto da oficialidade de Infantaria 4, em Faro e Tavira, o 33 partiu a caminho da sua aventura.

Perdidos depois os contactos e sem provisões asseguradas, esta Ala de Namorados do Sul, este primeiro núcleo de tropas que saiu dos quartéis para a memória revolução, fez alto em Alcácer e regressou a Tunes a aguardar ordens.

E foi aí que, a par de uma tentativa do comandante do regimento para que regressassem à unidade, os revoltosos receberam a primeira e espontânea manifestação de solidariedade popular.

Um grupo de nacionalistas desta cidade, chefiados pelo prestigioso médico Dr. António Guerreiro Telo, sabedores do recuo até Tunes, havia recolhido, nesta cidade, pão, conservas e outros géneros com que nos camions do também lacobrigense sr. Parreira Cruz, foram com justificado alvoroço abastecer o seu regimento.

Já mais confiados e após terem recebido do comandante da 4.ª Região, General Oscar Carmona que, afastado do comando, entretanto, em Elvas, aderiu ao movimento, ordem para avançar, o combóio partiu a caminho do Barreiro, levando já gente do 4 figurando, entre outros oficiais, os tenentes Mário Lopo de Carmo, Manuel Caetano de Sousa (que na Amadora discursou às tropas), Manuel Vilhena de Sampaio e José Domingos Carapeto e ainda o coronel Joaquim Mendes Cabeçadas, do 33 de Faro.

Sujeitando-se a eventual tiroteio do Castelo de S. Jorge, na ignorância do lado em que estaria a respectiva guarnição a travessam o Tejo e vão formar no Terreiro do Paço, mesmo em frente do Ministério da Guerra onde, depois soberbam, se encontrava o chefe revoltoso da Marinha, o também algarvio Comandante Mendes Cabeçadas.

A presença das tropas do Algarve na capital foi tomada como garantia de que o Sul do País estava com a revolução e o seu desfile, pelas ruas de Lisboa, foi saudado com entusiasmo e confiança pela população lisboeta, que pelo facto ficou segura de que a Revolução estava efectivamente em marcha, uma vez que a guarnição local man-

&lt;p



# Gás Mobil

## chama e fama

### CAMPANHA DOS SANTOS POPULARES

A QUEM FIZER O SEU  
CONTRATO, DE 1 A  
30 DE JUNHO, OFERTA  
DE UMA GARRAFA  
DE GÁS MOBIL.



sai sempre à pressão!

Mobil Oil Portuguesa

## EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que SEBASTIAO VIEGAS requereu licença para instalar uma oficina de fabrico mecânico de calçado, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de ruído e trepidação, situada na Rua Engenheiro Barata Correia, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando a Norte e Sul com Joaquim Pau- lino dos Santos, Nascente com José Emílio Costa e a Poente com a Rua Engenheiro Barata Correia.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e

## SOLICITADOR

João M. G. Iria

Solicitador Provisionário

Largo D. Pedro I, n.º 15

TELEFONE:

Escrítorio e Residência 387

LOULE

examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 11 de Maio de 1966

O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

João António da Silva  
Graça Martins

A VOZ DE LOULE

N.º 343 — 5-6-1966

## Comarca de Loulé

### ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

### 2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria adiante referida, correméditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados JOSE CORREIA NEVES e mulher MARIA NEVES, proprietários, moradores nos Lentiscas, freguesia de Paderne, concelho de Albufeira para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Joaquim José Figueiras, casado, proprietário, morador nesta vila, desde que gozem de garantia real sobre os prédios penhorados.

Loulé, 25 de Abril de 1966

O escrivão de direito,  
da 2.ª Secção,

(a) Henrique Anatónio Samora  
de Melo Leoto

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º substituto,  
(a) Jacinto Duarte

## MARÍTIMAS

Tratamos de EMBARQUES RÁPIDOS  
Para a ÁFRICA ou qualquer parte  
do Mundo.

**TURALGARVE**  
AGÊNCIA DE TURISMO ALGARVE

98 — PRAÇA DA REPÚBLICA, 100  
TELEFONE 193 — LOULE

Agentes I. A. T. A. e de todas as Companhias Aéreas  
e Marítimas e da C. P.

## Notícias de ALTE

Está em construção um lavadouro Público. No sítio do Serrado, desta freguesia. A Fonte vai ser coberta para que a água fique isenta de poeiras e outras imundícies.

Faleceu no dia 17 deste mês a sr.ª D. Henrique das Dores Anastácio, de 83 anos de idade, natural desta povoação que deixou viúvo o sr. Francisco Guerreiro Anastácio e era mãe da sr.ª D. Julieta Nunes Anastácio de Alte e do sr. Dr. José Francisco Nunes Guerreiro, residente em Lisboa, (Praça do Areeiro, n.º 10 - 2.º, Dt.º). O seu funeral foi muito concorrido e constituiu manifestação de profundo pesar, pois a referida senhora era muito estimada e gozava de gerais simpatias.

A família enlutada, apresenta sinceras condolências.

Do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Almeirim, que abrillantou as Festas da Fonte Grande, no dia 1.º de Maio, nesta localidade, foram recebidas as seguintes notícias, respeitantes à sua visita a ALTE:

«Queremos, através desta carta, exprimir a nossa grande satisfação por nos ter sido dada a feliz oportunidade de conhecer a vossa tão simpática e acolhedora terra e sobretudo a maneira tão afável e carinhosa como receberam todos os componentes deste Rancho, encorajando-os de amabilidades que muito nos sensibilizaram.

Podemos afirmar que Alte ficará bem guardada no coração de todos nós, como uma inesquecível recordação.

Pena é que Rádio Ribatejo, estação Emissor de Santarém, não seja audível no Algarve. De qualquer modo é para nós uma maneira de revelar ao povo do Ribatejo as belezas da vossa terra e o encanto e tipismo das vossas danças, no programa radiofónico que elaborámos e dedicámos à vossa localidade e ao vosso Rancho Folclórico».

O Grupo Folclórico da Casa do Povo de Alte desloca-se no dia 5 de Junho, a Lisboa, para participar no V Festival do Folclore Nacional.

Por ocasião das Festas da Fonte Grande, realizadas nesta localidade no dia 1.º de Maio foi encontrado no próprio local da Fonte Grande um aparelho de rádio transistor, pequeno, de algibeira, que se entregará a quem provar pertencêr-lhe, assim como um chapéu de sol de senhora.

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que a firma ALVARO DA CRUZ FLO-RO & IRMAO, LD.ª requereu licença para instalar uma oficina de fabrico mecânico de calçado, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de ruído e trepidação, situada na 1.ª Transversal à Rua 28 de Maio, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, distrito de Faro, confrontando a Norte e Nascente com António Simão Viegas, Sul com Manoel Carapeto Rosário e a Poente com Rua Projeta.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 24 de Maio de 1966  
O Eng.º-Chefe da Circunscrição,

João António da Silva  
Graça Martins

## Ecos de Salir

Estão praticamente terminados os trabalhos da reparação exterior e interior da Igreja Matriz, tendo também ali sido feita a instalação eléctrica, e colocado no templo um bonito lustre.

O curso de corte e bordados que durante cerca de 2 meses funcionou nesta localidade promovido pelo Agente das Máquinas de costura «Oliva» sr. Manuel de Sousa Cavaco, terminou com uma valiosa exposição dos numerosos trabalhos executados pelas muitas senhoras que frequentaram o referido curso dirigido pela professora de bordados sr.ª D. Maria Fernanda Martins.

Estiveram presentes, além do sr. Inspector da Oliva sr. Rui Teles Pedroso que fez entrega de diplomas do curso, o Rev. Prior João Vicente Duarte da Costa, o sr. José Marcellino Esteves de Sousa, comandante do Posto da G. N. R. e muitos outros convidados, a quem foi oferecido um lanche, assistindo todas as componentes do curso e seus familiares.

## DEFENDA A SAÚDE!

EXIJA DO SEU FORNECEDOR

## ÁGUAS TERMAIS

## CALDAS DE MONCHIQUE

- Bacteriologicamente puras
- Digestivas
- Finíssimas

Garrafas  
0,25 / 0,80

Garrafas  
5 litros

Distribuidores EXCLUSIVOS no Algarve e Alentejo

Estabelecimentos **Teófilo Fontainhas Neto** - Comércio e Indústria

SOCIEDADE ANÔNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Telef. 8 e 89 - S. BARTOLOMEU DE MESSINES - Algarve

Depósitos: FARO - Telef. 23669 — TAVIRA — Telef. 264

LAGOS — Telef. 287 — PORTIMÃO — Telef. 148

## SE VAI EMIGRAR...

...VOE PELA

**TAP**

Para todas as informações dirigir-se ao escritório da TAP mais próximo

Em FARO  
Rua D. Francisco Gomes, 8

No PORTO  
Praça D. Filipa de Lencastre, 3

Em LISBOA:  
na Praça Marquês de Pombal, 3-1/c. Esq.  
ou pelos teles. 5 91 01 e 4 21 10

A TAP organiza, para si,

UM SERVIÇO ESPECIAL DE ASSISTÊNCIA



**TAP**

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

## Mel centrifugado

### CASA DO ALGARVE

VISITE  
A EXPOSIÇÃO  
DE PRODUTOS  
DESTA PROVÍNCIA

Vendo 1 000 Kg. de cor clara, oriundo da região do rosmaninho da Serra do Caldeirão.

Manuel Pereira Guerreiro  
— Rua da Carreira n.º 52 — Loulé.

## Duas magníficas excursões

## A ESPANHA

FIM DE SEMANA A SEVILHA

NOS DIAS 8, 9 E 10 DE JUNHO

Visitando-se os seus principais monumentos

## ANDALUZIA E GIBRALTAR

de 22 a 29 de Junho

### VISITANDO:

SEVILHA, CÓRDOBA, GRANADA, MÁLAGA,  
ALGECIRAS, TORREMOLINOS E GIBRALTAR

### RECEBEM-SE INSCRIÇÕES NA

AGÊNCIA PENINSULAR DE VIAGENS  
E TURISMO

### DIREÇÃO DE

M. ARCHANJO VIEGAS

Rua Conselheiro Bivar, 58 — telf. 22908 — FARO

Filial — Praça da República, 26 — telf. 375 — LOULE

Ajude o Artesanato!  
comprando

Cobres de Loulé

# Um velho problema QUE RENASCE!

(Continuação da 1.ª página)

guesa, essa reestruturação tem de prever além deste, outros problemas de modernização de vias, que importam, fatalmente, a alteração de traçados e percursos.

Assim sendo, não seria esta a melhor oportunidade de levantar o velho e tão debatido problema do desvio da linha entre as estações de Boliqueime e Almancil, beneficiando assim a sede do maior e mais populoso concelho do Algarve é de um dos maiores e mais populosos de Portugal?

Sabendo-se que a área total do concelho de Loulé é de 775,48 km<sup>2</sup> e que a mesma se estende por 46 km de norte a sul e de 29 kms de leste a oeste, a rede actual de caminho de ferro serve apenas uma pequena parte dessa área, a das freguesias de Boliqueime S. Sebastião e Almancil, limitado percurso de 18 quilómetros.

A parte do concelho que beneficia das passagens da rede ferroviária é, em relação à população do mesmo — 45.341 hab. pelo último Censo — de 8.682 pessoas, ficando 37.659 desprovidas desse factor de progresso e de não aproveitamento directo do transporte ferroviário.

Teremos, portanto, que admitir que o desvio do caminho de ferro, com a passagem pela Vila beneficiaria pelo menos uma população de 20.000 habitantes, sem falar nos benefícios que o melhoramento iria proporcionar às populações de Salir, Querença, S. Brás de Alportel e Ameixial encerrada a distância a que hoje se encontram da actual estação de Caminho de Ferro.

E que manancial representaria para o Caminho de Ferro, se as 2.000 toneladas de cortiça, as 5.000 toneladas de alfarroba e as 1.200 toneladas de amêndoas e as 1.500 toneladas de figo que o Concelho produz, pudesssem ser transferidas pela rede ferroviária para os pontos de embarque ou centros de transformação.

É certo que dispomos hoje de transportes rodoviários de carga que asseguram total e cōmodamente, o escoamento das mercadorias produzidas e o influxo, em retorno, das de consumo.

Algumas das grandes empresas que hoje existem ou existiram, tiveram o seu inicio em Loulé e em Loulé prosperam e vivem.

Certo é, igualmente, que o transporte de passageiros entre as diferentes localidades e freguesias do Concelho está assegurado pelo transporte rodoviário, com horários que satisfazem, relativamente, as necessidades e carências desses povos. Mas não esqueçamos que foi Loulé, com o seu movimento que deu alma e vida às primeiras empresas e que talvez seja hoje, a sede do Concelho algarvio onde se regista o mais elevado número de carreiras.

De encarar será, que, com a inauguração da Ponte Salazar, esse movimento de transporte automóvel se intensifique, de tal forma, que supra perfeitamente as necessidades turísticas.

Mas que o transporte ferroviário facilitará, remodeladas as linhas, os percursos, os horários, e, melhorado convenientemente o velho material em uso, um grande movimento de intercâmbio turístico, reconhecido como é a sua exceléncia e primazia para o transporte em longo percurso, não restam dúvidas. O Algarve tem hoje assegurada a sua ligação aérea a todo o continente, e porque não dizer-lhe a todos os grandes centros na

## Trespessa-se

Com todo o seu recheio, trespessa-se a Pensão-Restaurante «Retiro dos Arcos»

Informa o proprietário, na Av. Marçal Pacheco LOULE — Telef. 211.

## MATERIAIS para construção civil

CONSULTE:

Empresa Comercial de Óleos e Bagaços, Limitada

TELEF. 105

LOULE

Serviços c/ Dumpers e Martelos Perfuradores e Demolidores

cionais e internacionais, mas convém não esquecer que os turistas e passageiros que desembaram, não dispõem de facilidades rodoviárias para uma visita ao País e que, habituados nos seus países a redes actualizadas de caminho de ferro, preferem este meio de transporte, sobretudo se lhe for rápido e eficiente.

Será pois a reestruturação da rede ferroviária que se impõe que poderia proporcionar as boas ligações com o resto do País, aos viajantes que preferirem, no futuro, o aeroporto de Faro, para entrarem em Portugal. E que esse movimento é crescente e progressivo e mais ainda, indesenviável, será atraída e fomentada pelo Algarve como região privilegiada de turismo não tenhamos qualquer dúvida e só tolos deles podem descrever, embora a sua íntima convicção seja influenciada por interesses de outra razão ou despeito.

Assim sendo e tendo que se emendar erros do passado, melhorar traçados e percursos, dar à rede ferroviária novo sentido de aproveitamento e interesse económico, parece-nos não ser utopia ou sonho lunático chamar a atenção para o problema de Loulé, tão juntamente evocado e tão clara e fundamentadamente debatido há anos, que merecem da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, o estudo completo do seu reajustamento e das suas grandes razões.

Parece-nos que a oportunidade de Loulé está à vista e, a houve a largo prazo, há que agitar o problema com todo o interesse, carinho e entusiasmo, para que se repare se não o maior erro, pelo menos um dos maiores da linha do Sul.

R. P.

## PARA UM LOULETANO MAIOR

(Continuação da 6.ª página)

obra. Os nossos avós nunca recusaram o seu auxílio, dedicação e sacrifício nos momentos críticos. Por isso temos a obrigação de mostrar à Juventude de hoje, que seguimos as directrizes deixadas por eles.

É pelas acções que se definem as pessoas, mas há momentos em que as palavras valem tanto ou mais que as acções. Já se fez alguma coisa a favor do desporto local, muito embora se reconheça as graves dificuldades, que tem encontrado a presente Direcção do Clube. É necessário que a juventude louletana possa mostrar aos seus compatriotas, que está apta a praticar os desportos da sua preferência.

A Juventude necessita do carinho e amparo de alguém para que se entusiasme pelo desporto.

Pela minha parte fago o que me é possível para ajudar o Louletano e por isso tomei a iniciativa de solicitar de pessoas de minhas relações a sua ajuda para uma causa que admiro.

Eis a lista daquelas que contribuiram para um Louletano maior:

D. Maria Teresa Rodrigues Marcelino Mendes, 85\$00; José Freire Mendes, 50\$00; Augusto Galino Fortes Tavares, 10\$00; D. Jacinta Carrapato, 10\$00; João Carrapato, 20\$00; Fernandos dos Santos Salgueiro, 20\$00; João Ramires, 20\$00; Rogério Pinto Carmo Ferreira, 20\$00; D. Elisa dos Santos, 20\$00; Afonso Ferreira Meia Onça, 20\$00; Casa Popular — Ribeiro e Farinha, 50\$00; Francisco Próspero, 50\$00; D. Maria da Conceição Brás, 20\$00; António Brás Gonçalves, 20\$00. Soma, 415\$00.

## Automóveis e Furgonetas

DE DIVERSAS MARCAS

NOVOS e USADOS

Os melhores preços

As melhores condições

VENDE E COMPRA

José Pedro Algarvio

Telef. 45 LOULE

## VENDE-SE

UM PRÉDIO grande em Loulé (Antiga Pensão Castanho), junto ao Mercado, 1.º andar, com chave na mão.

Tratar na Rua da Matriz, n.º 4 — LOULE.

# A MÚSICA NOVA comemorou o seu 90.º aniversário

(Continuação da 1.ª página)

seu) já incluiu 5 raparigas entre os seus componentes a fim de evitar a sua extinção. Segundo relata o mesmo jornal fizeram um autêntico sucesso na festa popular de Forneiros de Cinfães.

Claro que isto não é caso inédito, pois também a Música Nova se pode gabar de já se ter apresentado em público com uma jovem executante, mas é um sinal de desprendimento dos jovens pela sublime arte de Mozart.

No entanto, apesar de tantas dificuldades, em Loulé continuam a fazer-se esforços por manter activas as suas 2 bandas.

Por isso são dignas de carinho todas as iniciativas tendentes a evitar a sua extinção e merecedores de louvor todos quantos continuam a dar o melhor do seu esforço para o prestígio musical de Loulé.

As que, ao longo dos 90 anos da prestigiosa colectividade, lhe dedicaram acrisolado amor, foi também prestada homenagem na sessão solene realizada no dia 21. Nela usou da palavra o dedicado amigo da Música Nova sr. Dr. Maurício Monteiro, que disse o seguinte:

Segundo as investigações feitas pelo dedicado louletano e musicólogo na sua História da Música Popular em Portugal e baseado em informações prestadas pelo louletano, Luiz de Freitas Barros, capitão chefe da banda, e que fôra seu músico fundador, a Música Nova, ou Filarmónica Artistas de Minerva devia ter saído à rua, pela primeira vez no dia 21 de Maio de 1876, faz hoje 90 anos! Foi seu fundador o Dr. António Galvão, seguindo-se como regentes Alagarinho, Castro, Gregório, Grilo, Castro, pela 2.ª vez, Dr. António Frutuoso da Silva, Joaquim António Pires, Paix, Liberato e Veiga, até Fevereiro de 1942. Devido à política com a sua secção corrosiva a filarmónica decalou bastante com a saída do regente Castro. E então que um fervoroso louletano, com alma de artista, estudante de 22 anos, que com a sua paixão pelo teatro e pela música, comprometeu a sua fortuna, o Dr. Frutuoso da Silva a quem neste momento presto as minhas homenagens, se propôs erguer-lá, dirigindo-a, aí pelos de 1899 a 1901.

Neste último ano o Dr. Frutuoso da Silva pede ao Dr. Simeões Barbas que fôra regente da Tuna Académica de Coimbra para lhe indicar um regente digno. E então que vem contratado para a Filarmónica Artistas de Minerva um autêntico artista de sequinte da Banda de

## ATLETISMO

### Torneio Popular

Em virtude das entidades organizadoras do torneio, Federação Portuguesa de Atletismo, Diário de Notícias, e Mundo Desportivo terem adiado a final nacional para o dia 26 de Junho, a fim de haver maior amplitude no prazo e projeção nacional, deliberou a comissão distrital de Faro, alterar igualmente o prazo da final distrital para o dia 18 de Junho a realizar em Faro, e não em 5, como estava anteriormente marcado.

Solicita-se aos senhores secionistas dos clubes e monitores regionais a marcação das provas conceituadas, deitado da possibilidade brevidade, para que tudo decorra com o maior brilhantismo e se dê ao Torneio a maior projeção Nacional.

Agradecem-se a todas as entidades que estejam interessadas no Torneio Popular, o favor de dirigirem toda a correspondência para: Associação de Atletismo de Faro — Rua Brites de Almeida, 32, 1.º - Esg. Faro.

Deram já a sua adesão ao referido torneio os clubes: Sporting Clube Atlético, Clube de Futebol «Os Bonjocenses» e Vitória Futebol Clube (Alto de Rodes).

As melhores condições

VENDE E COMPRA

José Pedro Algarvio

Telef. 45 LOULE

## VENDE-SE

UM PRÉDIO grande em Loulé (Antiga Pensão Casanho), junto ao Mercado, 1.º andar, com chave na mão.

Tratar na Rua da Matriz, n.º 4 — LOULE.

Caçadores n.º 4 aquartelada em Elvas, Joaquim António Pires, ou melhor o nosso inovável Mestre Pires. Com a sua presença surgiu em Loulé uma nova aurora musical. Mestre Pires ergueu a Música Nova a um elevado plano de valorização musical; não só na província, mas fora dela, transpondo as fronteiras, indo com frequência ao sul da Espanha, durante muitos anos a várias festividades. Mas Mestre Pires não limitou a sua acção à filarmónica: Creou tunas, organizou orquestras, cantos corais, estabeleceu cursos de ensino, difundindo e radicando na alma do povo louletano o sentido, a compreensão e o amor pela Música, ensinando a modicidade a técnica musical, incutindo na sensibilidade dos novos a curiosidade, o interesse e o carinho pela harmonia dos sons.

Mestre Pires não limitou a sua acção à filarmónica: Creou tunas, organizou orquestras, cantos corais, estabeleceu cursos de ensino, difundindo e radicando na alma do povo louletano o sentido, a compreensão e o amor pela Música, ensinando a modicidade a técnica musical, incutindo na sensibilidade dos novos a curiosidade, o interesse e o carinho pela harmonia dos sons.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

E é ainda, creio, o Tenente Rosal, revoltoso do Algarve, quem vai ao Ministério ajudar aquele oficial da Armada a libertar-se do assédio que os políticos estavam a fazer-lhe, para empalmar a revolução, explorando a sua inexcedível boa fé e o seu conhecido amor à República, com o espantalho do perigo monárquico.

Dois dias depois juntavam-se-lhe em Lisboa a escola de recrutas do Inf. 4, aquartelado em Tavira.

# Notícias pessoais

## ANIVERSARIOS

Fazem anos em Junho:

Em 9, a menina Maria Ivone Leal Costa e o sr. Dr. Helder Manuel Pinheiro Ramos e Barros e o sr. José Manuel Viegas Vicente de Brito.

Em 10, os srs. José Guerreiro Santos, residente em Alfontes, Bolliqueime, Vitor Manuel Baptista Relvas, residente na Venezuela e a sr. D. Margarida António Lopes.

Em 11, a sr. D. Alice de Sousa Mendonça Calado e o sr. Amadeu dos Santos Batel, residente em Lisboa.

Em 12, os meninos Aurélio João Chumbinho Guerreiro, e srs. Alexandre Bento Freitas Carvalho, residente em Lisboa, e António Baptista Correia.

Em 13, as srs. D. Leopoldina Barros Farrajota Cristina e D. Lídia Marum Costa Madeira, residente no Canadá.

Em 14, a menina Maria Teresa Vitorino Pereira, residente em Lisboa, e os srs. Norberto Gonçalves Luis, e Sebastião Sousa Luís.

Em 15, a menina Maria Heleena Caldeira Guerreiro.

Em 16, os srs. José de Sousa Nunes, residente na Venezuela e João José Silvestre Cabrita, residente na Austrália.

Em 18, o sr. Jorge Marinha Gema, e a menina Maria Manuela Inácio Nobre, residente em Lisboa.

Em 20, as meninas Idália Maria Fogaça da Costa, residente em Faro e Helena Maria Portela Madeira, residente em Montijo, o menino Joaquim Manuel Júdice Pontes e a sr. D. Joana Dias da Mata Pereira Oliveira, residente em Azambuja.

Em 21, as srs. D. Maria Murta Oliveira e Sousa, D. Maria Alexandrina Murta Oliveira Chumbinho e D. Julieta da Conceição Domingues e o sr. João Nuno Rocheta Guerreiro Rua.

Em 22, as srs. D. Esmeralda Vairinhos Dias, e o sr. José Vieira Martins, residente em Quarateira e o menino José dos Santos Bota Centeno Passos.

Em 23, o sr. Joaquim Corpas Rocheta, e a sr. D. Joana Passos B. Correia, e a menina Damázia de Sousa Vairinhos Dias.

Em 24, a menina Maria João Mendonça Portela, a sr. D. Maria dos Santos Russos e os srs. Lopes Bernardino e Joaquim Silvestre Guerreiro.

## PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou de Luanda, onde esteve em missão de soberania, o nosso prezado conterrâneo e dedicado assinante sr. Alferes Miliciano Orlando de Lima Faisca, que fixou residência em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa sr. D. Maria Correia Canhão, encontra-se entre nós em gozo de férias o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. António dos Santos Brito, residente em França.

Foi colocado em Aljezur, como Secretário de Finanças, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Correia Varela, que exerce idênticas funções em Lages (Açores).

## BAPTIZADOS

Na Basílica da Estrela, em Lisboa, realizou-se no dia 8 de Maio, a cerimónia do baptismo do menino Fernando José de Lima Faisca Campos Calhau, filho da nossa conterrânea sr. D. Maria da Conceição de Lima Faisca Campos Calhau e do sr. Fernando Humberto Campos Calhau, residentes em Lisboa.

Foram padrinhos seus tios sr. D. Ana Maria de Brito Camacho Brando de Lima Faisca e o sr. Alferes José António de Lima Faisca. Foi a cerimónia foi servido em casa dos pais do pequeno Fernando José um finíssimo e abundante «copo de água» aos numerosos convidados.

No dia 10 do mesmo mês, na Igreja de S. João de Brito, em Lisboa, procedeu-se à cerimónia do baptismo do menino José Manuel Brando de Lima Faisca, filho da sr. D. Ana Maria de Brito Camacho Brando de Lima Faisca e do nosso conterrâneo e dedicado assinante sr. Alferes Orlando de Lima Faisca, residentes em Lisboa.

Foram padrinhos seus avós paternos sr. D. Maria Alice Dias Aguas de Lima Faisca e o sr. José Vicente Teixeira Faisca, nossos estimados assinantes nessa vila.

## Conclusão da fachada da Igreja de S. Francisco

### EM FARO

A Venerável Ordem Terceira de S. Francisco dirigiu um requerimento à Câmara Municipal de Faro solicitando autorização para a conclusão da fachada principal da Igreja de S. Francisco no largo do mesmo nome na capital algarvia.

## CASAMENTOS

Na Igreja da Matriz em Loulé, realizou-se há dias o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Maria do Carmo Fernandes, hábil professora de corte da Agência «Triumph», nesta vila, com o nosso conterrâneo o sr. João C. Pinguinha de Sousa, industrial na Venezuela.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Manuel Catrino Cavaco e a sr. D. Maria de A. Martinho Cavaco e por parte do noivo o sr. Maximiano Pinguinha de Sousa.

Após a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo «copo de água» em casa dos pais da noiva.

Na Igreja de Clochetas, em França, realizou-se no passado dia 14 de Maio, o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Ricardina Ramos, filha do sr. José Pedro Ramos (falecido) e da sr. D. Maria Isabel Botelho, com o nosso conterrâneo sr. Afonso Cabrita Rodrigues, filho do sr. Modesto Afonso Rodrigues e da sr. D. Isabel Martins Rodrigues.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, sua irmã sr. D. Listete Maria Cabrita das Neves e seu marido sr. José Francisco Sousa das Neves e por parte da noiva os srs. Adelino Francisco da Silva e Virgílio da Costa Mariano.

Após a cerimónia religiosa foi servido um finíssimo «copo de água» em casa dos pais do noivo.

Aos novos casais endereçamos os nossos parabéns e votos de feliz vida conjugal.

## ALEGRIAS DE FAMILIA

No dia 27 de Maio teve o seu bom sucesso, num quarto particular do Hospital de Faro, dando à luz uma robusta criancinha do sexo masculino, a nossa conterrânea, sr. D. Maria Helena de Brito Apolo Luta, esposa do sr. Constante Anselmo Luta, residentes em Aljustrel.

São avós maternos o sr. José da Silva Apolo Júnior e a sr. D. Beatriz Marum de Brito Apolo e paternos o sr. Feliciano Luta e a sr. D. Ana Maria Anselmo Luta.

O recém-nascido foi baptizado na Sé de Faro no dia 1 de Junho e recebeu o nome de Paulo Jorge. Foram padrinhos o menino Joaquim Leal Brito da Mana e a menina Margarida Leal Brito da Mana.

Os nossos parabéns aos felizes pais e avós e votos de futuro risonho para o seu descendente.

## FALECIMENTOS

Contando 62 anos de idade, faleceu há pouco no hospital de Olhão, o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Ventura dos Santos Gomes.

É assim, irmados no mesmo ideal desportivo é possível fazer mais e melhor para o prestígio da nossa terra.

Eis a carta da sr. D. Maria Teresa:

# ISTO, ACONTECEU...

O acontecimento foi-nos relatado por um colega e, portanto, a ele dispensamos a melhor aceitação quanto à sua autenticidade:

Um indivíduo, de nacionalidade francesa, assim que pisou o território português, apressou-se a telefonar para Quarteira, a fim de indagar das possibilidades terapêuticas das suas águas minerais, para a esclerose em placas. Esse terrível mal, era o diagnóstico com que vinha rotulado de França, a sua esposa. Foi-lhe dito, prontamente, que não. Respondeu-se a verdade. Trata-se, na realidade, dumha doença para a qual a Medicina não dispõe de remédio eficaz.

Este facto tão simples e, infelizmente, vulgar, obriga-nos a meditar e faz-nos pensar nesses deslindados da medicina que procuram por todo o prego e a todo o custo o remédio salvador.

Qual a melhor altitude frente a casos destas natureza? Francamente difícil.

E. Ferreira da Encarnação

# PARA UM LOULETANO MAIOR

A sr. D. Maria Teresa Marcellino Mendes é natural de Salir e reside em Angola há alguns anos. Através da leitura de «A Voz de Loulé» soube que perigava a existência de «Louletano» e dirigiu um apelo no nosso jornal para que fosse feito um esforço no sentido de evitar a sua extinção. Circunstâncias várias conjugaram-se para que o nosso clube desportivo tomasse novo alento e, regosijando-se com isso, a sr. D. Maria Teresa passou da palavra à ação e fez uma subscrição entre as pessoas de suas relações de amizade. Escreveu ao «Louletano» a carta que a seguir gostosamente publicamos e pediu à sua inscrição como sócia. Envio a sua foto:



gusta para o cartão de identidade e nós aproveitámos-la para melhor testemunhar-mos a nossa admiração pelo seu simpático gesto. Ele poderá ser um incentivo para que outros surjam onde quer que haja colónias de louletanos, mas é também um estímulo para que os dirigentes do «Louletano» se sintam amparados no prosseguimento das suas funções.

E, assim, irmados no mesmo ideal desportivo é possível fazer mais e melhor para o prestígio da nossa terra.

Eis a carta da sr. D. Maria Teresa:

Capeio — Silva Porto, 5 de Abril de 1966

De novo venho falar do Louletano.

Já não é a primeira vez que o faço e desta vez com mais entusiasmo.

O querer é poder e se todos ajudarem o esforço será insignificante.

Desempenhou diversos cargos públicos, tendo sido: comandante da Companhia da Guarda Fiscal em Faro; e Batalhão n.º 27 da Legião Portuguesa; inspector da Junta de Migração; administrador do concelho de Loulé; presidente da Câmara Municipal de Nova Lisboa e Delegado em Faro, da Intendência Geral dos Abastecimentos.

Deixa viúva a sr. D. Maria Vitoria Abolim de Barros e era pai da sr. D. Maria Inês Abolim de Barros Lopes e dos srs. arquitecto José Maria Abolim de Barros, consultor técnico da Câmara de Tavira, e engenheiro Joaquim Bernardo Abolim de Barros.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

(Continuação na 5.ª página)

## ARTE e GRAÇA do Povo Português

(Continuação da 1.ª página)

Há já muitos anos que Fernanda de Castro vem lutando por repor o nosso Artesanato na sua pureza original.

Basta recordar aqui a organização que levou a efeito, de inúmeros mercados regionais a favor da sua obra social «Os Parques Infantis, e, mais tarde, a sua intensa actividade em prol da criação do Museu de Arte Popular.

Alguns dos nossos maiores artesãos estão representados nesta Exposição. Basta mencionar os nomes de Rosa Ramalho, José Silos Franco, Damílio Borges, Quintino Neto, Franquelin Ribeiro e Deolinda Coelho, entre outros, que são uma garantia de toda a ingenuidade e pureza da nossa Arte Popular.

No dia 23, realizou-se no Restaurante «Al-Faghar» um «vernissage» dedicado às autoridades locais, à Imprensa, Rádio e T.V.

Despertou muito interesse do público esta iniciativa de Fernanda de Castro, duma tão grande oportunidade nos tempos que vão correndo, em que nada é demais, quando se trata de dignificar o nosso património artístico e espiritual.

(Continuação na 5.ª página)

TERRENOS

Compra e vende, nas melhores condições.

José Pedro Algarvio —

Telefone 45 — Loulé.

# TERMINOU o Torneio Popular de Futebol

Apesar das dificuldades que tem enfrentado, a Direcção do Louletano Desportos Clube continua firme e tenazmente lutando pelo seu glóriação do desporto local.

A actividade das várias secções desportivas em que abertamente se lançou, pôs em euforia a mocidade louletana que prontamente excedeu todas as expectativas e continuou de tal modo entusiasmada que pequenos «grupos desportivos» proliferaram pela vila a ponto de já existir um com o nome de uma rua... tal a quantidade de jogadores de futebol e residentes.

A organização do «Torneio Popular de Futebol» foi sem dúvida o ponto de partida para um movimento desportivo que há muito se impôs.

Foi pena que o entusiasmo originado por um contínuo aumento de receitas, traduzido naturalmente por um crescente interesse que o Torneio estava despertando, tivesse sido resfriado pela fixação (aparentemente injustificada) de uma lotação de 5.000 lugares para um recinto que nem sequer tem vestígios de bancadas.

Isto pode ter reflexos tão desanimadores em relação à próxima época que pode ser motivo suficientemente forte para acabar de vez com o futebol em Loulé.

Esperamos que o facto seja reconsiderado tomando em consideração o futuro desportivo da nossa terra, que assim ficará condenado a uma asfixia.

Pois apesar disso o entusiasmo dos organizadores do Torneio não esmoreceu e parece até que se sentiram com redobrada vontade de vencer as novas dificuldades criadas... para que assim o Louletano e o futebol continuem existindo em Loulé.

Assim, foi possível chegar-se ao final do «Torneio Popular de Futebol» com a certeza de que algo de proveitoso se fez em prol do desporto local.

A final teve lugar no dia 29 de Maio e saiu merecidamente vencedora a equipa do Grupo Desportivo «Os Unidos».

Torneio bem disputado, sempre cheio de interesse e entusiasmo, com boas e más jornadas de futebol praticado, com boas e más equipas, com bons e maus futebolistas, com bons e maus desportistas. Em suma: com tudo o que é habitual aparecer em Torneios de futebol.

«Os Unidos», «Onze Estrelas» e «Campinenses», foram as equipas mais equilibradas e as que discutiram o título até à última jornada. Foram aquelas que melhor futebol praticaram e portanto o título de campeão assentaria bem em qualquer delas. Em provas deste género tem que haver um virtual campeão e esse foi o da equipa do Grupo Desportivo «Os Unidos», portanto os nossos parabéns aos brilhantes rapazes da equipa vencedora.

Os resultados das jornadas anteriores:

**Dia 15 de Maio**  
Unidos, 4 — Académicos, 0

No primeiro tempo: 0-0.  
Marcou Nini de «penalty» e J. Santos 3.

Desportivo, 0 — Onze Estrelas, 1

Resultado feito no 1.º tempo.  
Marcou Daniel.

**Dia 22 de Maio**

Onze Estrelas, 2 — Académicos, 0

No primeiro tempo: 0-0. Marcou Mário e Leonel na própria baliza.

Presume-se a próxima entrada de mais um sócio: a Champanheus/Meuse, pela França.

O objectivo da SKOL International Limited é a produção e venda (sob licença, em todo o mundo), de uma cerveja de altíssima qualidade — a CERVEJA SKOL, de elevada densidade, do tipo produzido de luxo, destinada à satisfação do consumidor de hábitos mais requintados e maior poder de compra, e do turista que assim por toda a parte encontrará uma cerveja de indublatível qualidade de produção sujeita à fiscalização de um grande laboratório internacional — a SCHWARZE SERVICES INTERNATIONAL, LTD.

A SKOL produz-se já nos seguintes países:

Portugal, Nova Zelândia, Espanha, Suécia, Acrípoli-Bryggerierna Aktiebolag, pela Bélgica — a Unibra, Société Anonyme de Droit Belge; pelo Canadá — a John Labatt, Ltd.

Presume-se a próxima entrada de mais um sócio: a Champanheus/Meuse, pela França.

O objectivo da SKOL International Limited é a produção e venda (sob licença, em todo o mundo), de uma cerveja de altíssima qualidade — a CERVEJA SK